



Os herdeiros da Colônia Philippson, trajetória de uma família de judeus russos imigrante: história, tempo e peregrinação

The heirs of the Philippson Colony, trajectory of a family of Russian Jewish immigrants: history, time and pilgrimage

Elaine Pedreira Rabinovich

Universidade Católica do Salvador e Universidade de São Paulo

Marina Massimi

Universidade de São Paulo

Brasil

Resumo

Este artigo é uma reflexão sobre uma investigação que toma em foco os eventos subjacentes à escrita de uma narrativa focalizando a história da vinda de uma família israelita, em 1904, da Rússia à Colônia Philippson localizada no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, dentro do programa de colonização denominado Jewish Colonization Association para trabalhar na terra. A primeira autora descende desta família. Considerações sobre história, tempo, acontecimento e identidade do pesquisador conduzem à noção de que a passagem pelos limites temporais é uma busca em direção à própria identidade. Este processo é ilustrado por quatro acontecimentos em que o tempo passado se torna presente no caminho para a realização do estudo. O texto finaliza reconhecendo a metáfora da peregrinação como forma expressiva da experiência de narrativa autobiográfica e biográfica da história familiar, colocando este percurso em um terreno cultural mais amplo e de possível alcance universal.

Palavras-chave: história; autobiografia; tempo; identidade; peregrinação

Abstract

This article reflects about a research that takes into account the subjacent events to writing a narrative focusing on the story of the arrival of a Jewish family, in 1904. This family, together with others families, came from Russia to the Philippson Colony located in the Brazilian State of Rio Grande do Sul, brought by the Jewish Colonization Association in order to become planters. The first author descends from this family. Considerations about history, time, event and the researcher identity lead to the notion that going through temporal borders is to search for oneself's identity. This process is illustrated by four events where past time becomes present on the journey to accomplish the study. The article ends by recognizing that the pilgrimage metaphor is an expressive form of the experience of biographical and autobiographical familiar history narrative, setting this travel in a possible broader universal cultural domain.

Keywords: history; autobiography; time; identity; pilgrimage



Este trabalho¹ toma em foco a reflexão referente à construção da história-percurso da família materna da primeira autora, uma família judia russa de imigrantes, chegados ao Rio Grande do Sul, dentro de um projeto de colonização, por meio de um estudo histórico resgatando documentos e coletando memórias por entrevistas com parentes e descendentes. Por meio de um constante diálogo interior, a autora realiza o descobrimento de si própria na história. Um diálogo ocorreu igualmente entre as duas autoras.

Tratou-se inicialmente de um trabalho histórico, cuja fonte principal de estudo foram cartas enviadas pelos administradores da Colônia Philippson à Direção Central, localizada em Paris, e as respostas a estas cartas. Foram também realizadas entrevistas com ex-moradores da Colônia e com familiares, assim como consultadas outras fontes sobre a vida na colônia e arredores com leituras visando compreender o que acontecia na Rússia na época da vinda dessa família ao Brasil.

A realização da pesquisa acarretou deslocamentos geográficos da autora-pesquisadora: visitando arquivos e entrevistando pessoas nas cidades de São Paulo, Paris, Nova York, Porto Alegre e Santa Maria. A autora reconstruiu a trajetória de sua família, desde a chegada ao Brasil em 1904, destinados à colônia que depois será chamada Philippson, dentro do programa de colonização - *Jewish Colonization Association* -, financiado pelos Barões de Hirsch.

Mas o trabalho resultou também num deslocamento espiritual. De fato, as fontes coletadas e as entrevistas foram acompanhadas pelo percurso pessoal reflexivo da autora-pesquisadora, constantemente em busca do sentido de seus dados e, a partir deles, do sentido de sua própria pertença familiar. Trata-se da história como busca da verdade sobre si mesmo como ser humano, dentro da Família Humana (Rabinovich, 2015).

Gostaríamos de focar, neste artigo, dois aspectos deste processo:

1. A dimensão subjetiva e humana do tempo

Inspirada em Arendt (1954/2011), coloca a pergunta: há um testamento? E a resposta final é afirmativa: há um testamento porque há herdeiros. Escreve Arendt (1954/2011),

O testamento, dizendo ao herdeiro o que será seu de direito, lega posses do passado para um futuro. *Sem testamento, ou resolvendo a metáfora, sem tradição – que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor – parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas somente a*

¹ Este trabalho corresponde a uma leitura da segunda autora (supervisora) ao relatório como requisito para o encerramento do Pós-Doutoramento realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, pela segunda autora. Encontra-se publicado na forma de livro: Rabinovich, E. P. (2015). *Os herdeiros da Colônia Philippson: trajetória de uma família de judeus, imigrantes no Rio Grande do Sul*. São Paulo: AllPrint. As citações contidas neste artigo correspondem a este livro.



sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem (p. 31 - grifo nosso)

Desse modo, é o testamento, o legado entre as gerações que constitui o sentido do tempo humano. A pessoa, ao se reconhecer herdeira, feita objeto de um legado, inicia uma busca, uma verdadeira peregrinação, norteada por algumas questões: que tesouros são estes? Qual o seu valor? E o que aconteceu com a herança?

Há também a vivência de um estranhamento ao perceber que o tesouro é algo estranho a ela.

A terra, a posse da terra, o trabalho na terra, de um lado; a preservação dos judeus e do judaísmo, de outro. Seu valor: o amor à terra. (...). Portanto, a herança não é minha, e o meu espanto e encantamento foi, ao levantar um véu, espreitar por baixo dele a historicidade da vinda dos colonos ao Brasil, de sua chegada e de seus primeiros momentos e mal-estares. Eu sou uma estrangeira neste assunto da minha família, o que me motiva a construir a sua história, que é a minha, e me enraizar e me dar um sentido. (Rabinovich, 2015, pp. 264-5)

Trata-se, portanto, de um percurso visando o enraizamento. “*A herança é a escrita deste trabalho*”. (Rabinovich, 2015, pp. 264-5)

De fato, uma frase de Ricoeur (em Loriga, 2012), em *Temps et récit*, expressa o sentido do percurso realizado na pesquisa:

Através do documento e por meio da prova documental, o historiador é submetido ao que, um dia, foi. Ele tem uma dívida em relação ao passado, uma dívida de reconhecimento em relação aos mortos que fazem dele um devedor insolvente (Ricoeur, 1983-1985² citado por Loriga, 2012, p. 256 - grifo nosso).

Com efeito, o trabalho do historiar (a operação histórica, na expressão de De Certeau, 2000) tem a ver com o sentido humano do tempo: a temporalidade.

A dimensão subjetiva da temporalidade humana foi reconhecida na cultura ocidental desde Agostinho (397-398/1987). No livro XI das Confissões, especialmente nos capítulos 14 e 28, Agostinho se pergunta sobre o que é o tempo e responde, antes de mais nada, que o tempo é uma evidência em nossa consciência: “O que é, portanto, o tempo? se ninguém me perguntar, eu sei”; mas “se quiser explicá-lo a quem me fizer a pergunta, já não sei”. (Agostinho, 397-398/1987, p. 278).

A evidência do tempo futuro e do tempo passado é patente na vivência, mas “de que modo eles existem, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio?” (Agostinho, 397-398/1987, p.278). Ao responder esta questão no capítulo 28, em primeiro lugar Agostinho (397-398/1987) afirma que o tempo é “certa distensão da alma”, sendo que para ocorrer

² Ricoeur, P. (1983-5). *Temps et récit, l'oubli* (T. III, p. 253). Paris: Seuil.



experiência do tempo, concorrem três dimensões psíquicas: expectativa, atenção e memória. O futuro não existe ainda como acontecimento, no espírito humano; porém, existe já no presente “a expectativa das coisas futuras” (p. 293). O acontecimento pretérito não existe mais no presente, mas permanece “na alma, a memória das coisas passadas” (p. 293). O próprio presente é momento sem espaço, mas “a atenção perdura e através dela continua a retirar-se o que era presente” (p. 293). Deste modo, o futuro é a “expectação do futuro” (p. 293); e o passado é “a longa lembrança do passado” (p.?).

Este dinamismo, segundo Agostinho (397-398/1987), diz respeito a atos humanos tomados como parte de um todo: eis aqui o nexó entre temporalidade e totalidade na concepção do ato humano. E o mesmo vale na consideração da história como um todo “da qual cada uma das vidas individuais é apenas uma parte” (p. 294).

Na perspectiva da temporalidade humana vivenciada como uma “distensão”, a pessoa pode a qualquer momento desprender-se de aspectos não valiosos e de distrações transitórias e fixar sua atenção em aspectos valiosos. Nesse sentido, o ser humano se põe na perspectiva de realizar um percurso, é um caminhante, ou peregrino tendo um ponto de partida e um ponto de destino inerente a este horizonte de totalidade, portanto, uma direção. Mesmo sendo o tempo humano sempre marcado pela dispersão (“eu dispersei-me no tempo”, Agostinho, 397-398/1987, p. 295), sempre é possível ao homem posicionar-se em busca do horizonte total da temporalidade.

“Conceber e viver o tempo como tensão para e abertura de espera” (Hartog, 2003, p. 72) é herança não apenas do cristianismo, mas antes deste, da temporalidade linear do judaísmo, moldada pelo Êxodo.

Todavia, esta dimensão subjetiva da temporalidade humana tem sido pouco valorizada na cultura ocidental contemporânea pelo fato de que as ciências sociais do século XIX e XX, enviesadas pelo positivismo, levaram a uma naturalização da historicidade e da história (Massimi, 2016).

Na historiografia contemporânea, esta dimensão foi retomada a partir das reflexões de Koselleck (2006) sobre o tempo histórico e da concepção de Hartog (2003) de ‘regimes de historicidade’. Segundo Hartog (2003), tal expressão denota uma experiência do tempo que molda “nossos modos de discorrer acerca do tempo e de vivenciar nosso próprio tempo.” (p. 11-12). Trata-se então de um conceito operacional que serve para designar “a modalidade de consciência de si de uma comunidade humana” (p. 12). Mais precisamente, a noção devia poder fornecer um instrumento para comparar tipos de histórias diferentes, mas também e mesmo antes, eu acrescentaria agora, para iluminar modos de relação ao tempo: formas da experiência do tempo, aqui e lá, hoje e ontem. Maneiras de ser no tempo (Hartog, 2006). Existem diferentes regimes de historicidade que podem conviver no mesmo espaço, no mesmo universo geográfico ou sociocultural, conforme alerta Dosse (2004): por exemplo, as sociedades modernas são compostas por um conjunto de camadas, imbuídas de saberes



singulares a recuperar, abertas a transformações e a novas formas de expressão e submetidas a diversos regimes de historicidade.

Arendt (1954/2011) também reflete sobre a dimensão pessoal da temporalidade.

Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão" (...). *"Apenas porque o homem se insere no tempo, e apenas na medida em que defende seu território, o fluxo indiferente do tempo parte-se em presente, passado e futuro* (Arendt, 1954/2011, p. 37). (grifo nosso)

Segundo a filósofa, a concepção de história modifica-se conforme diferentes vivências da temporalidade: a história antiga narra os feitos e sofrimentos dos homens e os eventos que modificaram suas vidas; a história moderna foca o fluxo temporal como um processo construído pelos homens (Arendt, 1954/2011). Se o passado não esclarece mais o futuro, e o tempo é concebido ele mesmo como um processo, onde os acontecimentos não se dão apenas nele, mas através dele, o próprio tempo se torna ator, ele se torna uma "entidade", é naturalizado e ao conceito de história como mestra se substitui a exigência da previsão, a busca das leis do tempo, análogas às leis da natureza. E postula-se a possibilidade da ciência da história. (Hartog, 2003).

Consequência desta concepção é que ela acabou por "devorar a sólida objetividade do dado" e deixar os homens desprovidos de um mundo comum e entregues a uma "sociedade de massa, ou seja, aquele tipo de vida organizada que automaticamente se estabelece entre seres humanos que se relacionam ainda uns aos outros, mas que perderam o mundo outrora comum a todos eles" (Arendt, 1954/2011, p. 126).

Em nosso estudo, voltamos para esta dimensão humana e subjetiva da temporalidade, pois o percurso da reconstrução histórica se torna imediatamente também uma auto reflexão da primeira autora, que é definida pelo termo: peregrinação.

2. Segundo aspecto: a peregrinação e a memória

Vamos reconstruir rapidamente as etapas desta peregrinação, utilizando-se de algumas citações do referido livro.

Peregrinação - O descobrimento de si próprio na história: excertos de um possível diário de campo da primeira autora

A autora evidencia algumas etapas deste caminho:

Primeiro momento: A fundação: o encontro com o bisavô



Assim, o bisavô era um inexistente, (...) até ser encontrado vivo nas cartas dos administradores da Colônia da qual era o responsável religioso, criando problemas para estes. Esta vida era dada pelas palavras escritas sobre ele no presente ano de 1904. 1904 era hoje, nas cartas. Não há nem memória nem recordação desta história, e o passado é revelado como presente (Rabinovich, 2015, pp. 268-9).

Segundo momento: O (re)conhecimento - racismo e preconceito associado à origem

A autora é convidada a uma festa religiosa judaica na biblioteca em Paris onde estão as cartas dos administradores. Uma funcionária ri sarcasticamente ao ser a autora introduzida como descendente de colonos. Esta risada significava racismo e preconceito. A autora nunca havia sentido ser inferiorizada devido à origem. (...) Embora com a diferença de 100 anos, pode-se atentar para a desvalorização social associada ao termo colono. Porém, a força do vetor negativo do passado encontrou a autora enraizada no solo Brasil, e, portanto, capaz de criar uma trajetória própria, mas vivendo o tempo do kairós, a brusca e súbita coincidência de todos os tempos (Rabinovich, 2015, pp. 269-70).

Terceiro momento: Indignação

Ao ler as cartas da direção central aos administradores, na biblioteca em São Paulo, a autora é presa de um enorme sentimento de indignação. O motivo desta indignação era o desrespeito no tratamento aos antepassados e demais colonos aos olhos desta direção de homens ricos, moradores da Europa, judeus também, mas desconsiderando totalmente os colonos como pessoas. (...) Sentir na pele o desprezo que os antepassados sentiram. Sentir dentro da pele a dor que sentiram. Sentir como o racismo tem raízes densas, em que 100 anos corresponde a um dia. Portanto, até este tempo, descobre-se a história dentro da pessoa pelos acontecimentos que acontecem no decorrer da trajetória ao realizar o estudo. Palavras vagas até então - como racismo, preconceito, inferioridade, colonizado, estrangeiro, imigrante, migrante -, tornam-se palavras com sentido pleno: o de indignação (Rabinovich, 2015, p. 270).

Quarto momento: O impensado do tempo: o (des)conhecimento

A partir das entrevistas com tios e primos, adentra-se em uma "subjetividade familiar", nas malhas de complexas relações intra-familiares. Este adentramento é um aprofundamento, um caminhar para baixo, para regiões submersas. (...) embora o historiador procure esclarecer e dotar a interpretação de argumentos plausíveis, deve aceitar a existência de um fundo impenetrável e opaco. Para mim nós, este fundo é o limite interno que a dor coloca, além da busca da verdade e sua interpretação (Rabinovich, 2015, pp. 270-1).



Estes quatro momentos revelam traços do que foi denominado memória involuntária: um passado que se apossa involuntariamente do presente. Ramirez (2011), estudando a obra de Benjamin e de Proust, desenvolve o pressuposto de que a memória involuntária anula as distâncias temporais e supostamente cognitivas entre o passado e o presente, em contraposição ao que é usualmente concebido nas ciências sociais. Mostra como, para estes autores, “a infância, longe de sucumbir ao passado, surge vivaz e potente no presente” (Ramirez, 2011, p. 126), a memória que se apossa do indivíduo parece implodir o *continuum* das formulações mais metódicas a respeito do passado (p. 123), sendo a própria memória que se tem do passado um porvir. A memória em direção à infância, em Proust e Benjamin, não parte de um lembrar proposital e consciente conduzido pela razão, mas são as sensações que tomam de súbito o indivíduo, na forma de um choque e ruptura, e os acontecimentos da infância são revividos com uma mesma ou superior intensidade na vida adulta (Ramirez, 2011, p. 121).

Como escrito no texto de 2008:

Uma peregrinação – uma viagem a lugares distantes, (...) levou-nos a um pleno coração – em um centro colorido que pulsa – e que emerge das trevas deixando aflorar uma arqueologia: a memória permanece inscrita no local. Retornando à terra dos vivos. (...) A passagem pelo caminho evocou pontos de sustentação que foram encontros e que são alimentadores de uma poética que serve de norte para as pessoas por ela tocadas. Essa terra pode vir a se tornar um referencial para as próximas gerações de um passado nela encarnado e, ao percorrer os mesmos caminhos, vivenciar esta história que está apenas nas fimbrias, às margens (Rabinovich, 2008, s. p.).

Ao reconhecer a metáfora da peregrinação como forma expressiva da vivência do trabalho da memória, o percurso da autora se insere num terreno cultural mais amplo e diríamos quase de alcance universal. Com efeito, a prática da peregrinação tem origem muito antiga e amplamente difundida em diversas culturas e contextos geográficos do Oriente e do Ocidente, desde a antiga Grécia e Roma, até ao Egito e a China e Índia. A viagem em busca do centro, ou volta à pátria esquecida ou perdida, é entre os grandes arquétipos míticos da humanidade, podendo ser encontrada nas literaturas, lendas, religiões de todos os tempos e de todos os povos do mundo. Viagem pode indicar seja deslocamento de um lugar para outro, seja passagem do mundo corriqueiro para uma dimensão “outra” da vida, para o sagrado (Massimi, 2012).

Por qual motivo tal prática pode se tornar metáfora de um deslocamento interior, de um percurso interior realizado pela memória? Carruthers (2006) responde a pergunta assinalando que existe uma dimensão pedagógica e mental da prática da peregrinação. Esta consiste no processo por ela denominado de *ortopraxi*: a construção de uma experiência ordenada que permite ao usuário identificar-se a si mesmo com base numa vivência



reconhecida como original e constitutiva. O deslocamento físico na verdade introduz quem o realiza, para um deslocamento interior na direção deste horizonte original e constitutivo.

De modo análogo, o realizar um trabalho histórico, este pode se tornar uma peregrinação em busca da própria identidade em um horizonte universal.

Deste modo, ao percorrer o caminho na procura do entendimento da história familiar, a auto-análise foi se presentificando como sub-texto do texto, revelando o uso da auto-etnografia como método e, ao atravessar limites, traça o caminho em que identificações resultam em identidade e onde a história encontra o seu destino.

Referências

- Agostinho, A. (1987). *Confissões* (J. O. Santos & A. A. de Pina, Trad.s). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 397-398).
- Arendt, H. (2011). *Entre o passado e o futuro* (M. W. Barbosa, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1954).
- Carruthers, M. (2006). *Machina memorialis: meditazione, retorica e costruzione delle immagini (400-1200)*. (L. Iseppi, Trad.). Pisa, Itália: Edizioni della Normale. (Original publicado em 1998).
- De Certeau, M. (2000). *A escrita da história* (M. L. Menezes, Trad.). São Paulo: Forense Universitária. (Original publicado em 1975).
- Dosse, F. (2004). *História e ciências sociais* (F. Abreu, Trad.) Bauru, SP: Edusc. (Original publicado em 2004).
- Koselleck, R. (2006). *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (W. P. Maas & C. A. Pereira, Trad.s). Rio de Janeiro: Contraponto. (Original publicado em 1979).
- Hartog, F. (2003). *Régimes d'historicité: présentisme et expérience du temps*. Paris: Seuil.
- Hartog, F. (2006). Tempo e patrimônio. *Varia Historia*, 22(36), 261-273.
- Loriga, S. (2012). O eu do historiador. *História da historiografia*, 10, 247-259.
- Massimi, M. (2012). (Org.). *Historia do Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito: um compendio dos saberes psicológicos no Brasil colonial*. São Paulo: Loyola.
- Massimi, M. (2016). *Saberes psicológicos no Brasil: história, psicologia e cultura*. Curitiba: Juruá.
- Rabinovich, E. P. (2008). O comum em uma comunidade quilombola baiana no século XXI: o terreiro de Candomblé. *Memorandum* 14, 86-102. Recuperado em 24 de setembro, 2014, de www.fafich.ufmg.br/memorandum/a14/rabinovich.pdf



Rabinovich, E. P. (2015). *Os herdeiros da Colônia Philippon: trajetória de uma família de judeus imigrantes no Rio Grande do Sul*. São Paulo: AllPrint.

Ramirez, P. N. (2011). A memória e a infância em Marcel Proust e Walter Benjamin. *Aurora - revista de arte, mídia e política*, 10, 119-134. Recuperado em 17 de setembro, 2013, de revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4424

Ricouer, P. (1983-5). *Temps et récit, l'oubli*. Paris: Seuil.

Nota sobre as autoras

Elaine Pedreira Rabinovich: psicóloga clínica, com mestrado em Psicologia Experimental, doutorado em Psicologia Social e pós-doutramento em Psicologia Ambiental, pela USP-SP. Atualmente, é professora no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Endereço para contato: Rua Maranhão 101 ap 101 CEP 01240-001, SP-SP, email: elainepr@brasmil.com.br

Marina Massimi é Professora Titular e trabalha junto ao Departamento de Psicologia na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto, Brasil. Especialista na área de História das Idéias Psicológicas na Cultura Luso-Brasileira. Contato: Departamento de Psicologia. Avenida Bandeirantes, 3900, CEP 14040-901, Ribeirão Preto (SP), Brasil. E-mail: mmassimi3@yahoo.com

Data de recebimento: 21/02/2015

Data de aceite: 11/04/2016